



A biblioteca como recurso de pesquisa na era da web

Elbert Alisson de Jesus Correia¹

Fátima Pereira de Jesus

No atual cenário mundial de grandes avanços tecnológicos, as bibliotecas já não são necessariamente o ponto de partida e de término de uma pesquisa acadêmica. A Internet, com suas ferramentas superinterativas, está efetivamente levando os alunos para longe das estantes das bibliotecas, revelando uma riqueza de informações nunca antes pensada, em que “oceanos de dados”, coletados das mais diversas fontes fazem supor um mundo de facilidades informacionais, uma experiência excitante e enriquecedora. As novas maneiras de organizar o pensamento, subsidiadas pela era da informática e das telecomunicações, nos condena à superficialidade das respostas prontas, à intempestividade de crer no que parece o senso comum e ao descaso com as fontes de pesquisa. Numa análise mais profunda do grande “oráculo” Google que tudo vê e tudo sabe, tal fragilidade e volatilidade se confirmam.

Mas afinal o que o Google tem a ver com as bibliotecas? Quando o sonho da digitalização de acervos de livros batizado de *Google Book Search* para os nada modestos 100 milhões de livros de destaque, produzidos desde a invenção da imprensa, foi colocado em prática, afirmou-se que seria o fim das bibliotecas entre paredes.

O grande “oráculo” pretendia substituir tudo o que estivesse em livros importantes pela versão digital, universalizando de forma definitiva o conhecimento. Larry Page, co-fundador do Google, disse que poderia digitalizar aproximadamente sete milhões de livros em seis anos, desde então o *Google Book Search* tem lidado com uma série de encaixes logísticos e legais nesta empreitada. Além de complicado, tal projeto é dispendioso, o acesso aos livros digitalizados ainda é discutível e envolve custos para os usuários, uma vez que as publicações de acesso livre são somente aquelas que já caíram em domínio público. (SHERMAN,2010).

¹ Bibliotecários do Sistema de Bibliotecas PUC Minas

No entanto, mesmo que o Google consiga digitalizar, com sucesso, toda a soma do conhecimento humano disponível para esta modalidade, ela é muito inferior à soma dos autores e editores contemporâneos que não permitem que suas obras sejam gratuitamente disponibilizadas na Internet. Até 2007, o Google havia indexado um milhão de livros. Então, em uma média de aproximadamente meio milhão de livros por ano, digitalizar 100 milhões de livros levaria cerca de 200 anos... E os livros são apenas a ponta do iceberg. Numerosos trabalhos de pesquisa acadêmica, revistas e outros materiais importantes, são praticamente inacessíveis para alguém que tente obtê-los de graça na web. Sempre são necessárias assinaturas, senhas, pagamentos prévios, afinal a generosidade de universalização do conhecimento tem seu preço.

É evidente que quanto mais informação se acumula, circula e prolifera, melhor é a exploração do conhecimento, ou seja, melhor e maior o campo para pesquisa. Para Pierre Lévy (1993) teme-se a facilidade que os dispositivos de comunicação e de interação do virtual permitem, que se “ganhe tempo” e criem-se gerações de preguiçosos, mantenedores de uma relação negligenciada e apressada com o conhecimento, esquecidos do esforço necessário para a construção do mundo “real” e de sua riqueza sensível. No entanto, o bom pesquisador tem na web a redução do tempo de procura pelas informações iniciais, que o ajudarão a buscar a sofisticação e a elaboração do conhecimento perpetuado dentro da biblioteca real.

Portanto, as bibliotecas físicas são instituições completamente diferentes das bibliotecas virtuais, complementam-se entre si, jamais se excluem. Há que se afirmar sem medo de parecer desatualizado ou conservador: se o objetivo do pesquisador, em qualquer nível de conhecimento, é desenvolver um trabalho de qualidade pautado nas normas acadêmicas e embasado na relevância e credibilidade dos materiais coletados, as bibliotecas ainda são insuperáveis, oferecendo um conjunto claro e padronizado de recursos facilmente recuperáveis, logicamente indexados, organizados a partir de critérios de qualidade como as citações em publicações de renome, por exemplo. (CUNHA, 1994).

Diante disso, a importância da conservação da escrita autoral e conseqüentemente da preservação do saber e das bibliotecas físicas continua tão atual quanto lógica. A preservação do conhecimento apresentada nos livros ainda é um pouco mais segura que a da Internet. Sites comumente saem do ar ou alteram seus endereços, modificam informações sem registro técnico, histórico ou documental e, em muitas

situações, tornam o conhecimento volátil e fragilizado, baseado tão somente na mão do editor deste ou daquele texto, quase sempre de maneira anônima e sem os cuidados indispensáveis para a credibilidade dos documentos produzidos.

Para a atualidade, o desafio maior é reunir sob um mesmo guarda-chuva o evidente quadro de evolução do conhecimento permitido pelo advento da web, perceber que as formas de alcançar um mesmo objetivo são cumulativas e não excludentes, sejam elas quais forem, e garantir às gerações que chegam agora à iniciação acadêmico-científica a oportunidade de utilizarem uma nova cultura de aprendizagem na qual as bibliotecas físicas e as virtuais são instrumentos de um mesmo objetivo: a promoção do conhecimento para a história da humanidade.

Referências

CUNHA, Murilo Bastos da. As tecnologias de informação e a integração das bibliotecas brasileiras. **Ciência da Informação**, v. 23, n. 2, 1994.

KRUG, Steve. **Não me faça pensar**: uma abordagem do bom senso à navegabilidade da WEB. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Alta Books, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000. 260p

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. 203 p.

SHERMAN, Will. Os bibliotecários estão completamente obsoletos? **ExtraLibris**. 2009. Disponível em: <<http://www.degreetutor.com/library/adult-continued-education/librarians-needed>>. Acesso em: 27 out. 2010.